

anos
tombamento
do acervo

DOSSIÊ
GOIÂNIA



anos
fundação
da cidade

REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS
VOL. 08, Nº 1, 1º SEMESTRE DE 2023

ISSN 2448-1793



CENTRO MARGINAL. CENTRO HERÓI.
MARGINAL CENTER. HERO CENTER

<https://doi.org/10.5281/zenodo.10737134>
Envio: 12/12/2023 ♦ Aceite: 19/12/2023



Júlia Cirilo de Souza

Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás –UEG, campus Anápolis. Desenvolve no atual momento uma pesquisa de iniciação orientada pela Profa. Dra. Celina Almeida Manso sobre as transformações nas áreas verdes do Setor Sul em Goiânia, e Trabalho Final de Graduação sob orientação da Profa. Dra. Maíra Teixeira Pereira, onde realiza um estudo sobre as vielas do Centro de Goiânia e suas dinâmicas sociais e artísticas.

Resumo: O presente trabalho procura apresentar um outro olhar sobre as vielas e os becos do Centro de Goiânia, focado na análise das vivências dos usuários, vistos como artistas, nesse espaço. O objetivo principal da narrativa fotográfica é provocar discussões acerca das peculiaridades artísticas do Centro, as quais se comportam como expressão de subversão e resistência nesse contexto, mas que, interpretadas a partir da obra de Hélio Oiticica, podem ser traduzidas como marginais e heroicas.

PALAVRAS-CHAVE: Goiânia, Centro, Vuelas, Becos, Arte Urbana, Hélio Oiticica.

Abstract: This work seeks to take a different look at the alleys and backstreets of downtown Goiânia, focusing on analyzing the experiences of the users, seen as artists, in this space. The main objective of the photographic narrative is to provoke discussions about the artistic peculiarities of this downtown area, which behave as an expression of subversion and resistance in this context, but which, interpreted from the perspective of Hélio Oiticica's work, can be translated as marginal and heroic.

KEYWORDS: Goiânia, City Center, Backstreets, Alleys, Street Art, Hélio Oiticica.

O Centro de Goiânia vem sendo palco de discussões sobre sua ascensão na década de 1950 e seu rápido declínio nas décadas seguintes. Nos dias atuais, é perceptível uma forte tentativa da população – que envolve jovens, moradores, artistas, arquitetos, entre outros – em ocupar e potencializar esse Centro tão negligenciado pelo poder público. Os espaços culturais, bares, cinemas de rua, becos artísticos e comércios, vêm enfrentando a passagem do tempo e o esvaziamento das ruas do Setor Central, e mantêm vivo esse organismo.

A narrativa fotográfica apresentada busca destacar a relação entre o Centro de Goiânia e os artistas e transeuntes, que imprimiram ao longo do tempo suas personalidades nas fachadas, nos muros, nas praças e em diversos espaços da cidade. É nesse cenário de vielas, becos, grafites, pichações e encontro de edificações de diferentes linguagens e épocas – como pode ser observado na figura 3 – que a paisagem do Setor Central foi sendo construída.

O Centro revelado pelas imagens é plural por natureza e democrático por resistência. Nos becos fotografados, moradores locais convivem com trabalhadores das mais diversas funções, jovens artistas, comunidade LGBTQIAP+ e população em situação de rua. Essa convivência nem sempre é amistosa, mas persistente, e faz refletir sobre os conflitos presentes no Centro, bem como sobre sua capacidade em acolhê-los e absorvê-los. O Centro das fotografias não é para amadores. É palco de disputas e tensões protagonizadas pelos seus diferentes atores, mas é lar para os sonhadores e inquietos.

Quando Bernard Huet (2001), em sua obra *Os Centros das Metrôpoles*, apresenta a arte urbana como ferramenta que dá forma à cidade, mais particularmente aos espaços públicos, ele fala de uma interação necessária entre o artista – compreendido também como usuário do espaço – e o ambiente urbano no qual ele está inserido. A arte permite o contato direto das pessoas entre si e com o espaço público, imergindo-as de forma a sentir-se cada vez mais pertencentes a esses espaços. Esse discurso é materializado nas intervenções presentes nos muros, como observado, por exemplo, nas figuras 2, 4 e 8, abrigando as manifestações dos usuários daquele espaço, tanto de forma mais transgressora, com a frase “foda-se o sistema”, quanto com uma simples declaração “eu amo Goiânia”. As fotografias registram a relação mencionada por HUET (2001) entre os artistas goianienses, os moradores, os comerciantes e o Centro de Goiânia. Elas revelam, também, um Centro marginal e herói.

O sentido de “marginal” e “herói” é o mesmo utilizado por Hélio Oiticica (1937-1980) no seu poema-bandeira “Seja Marginal. Seja Herói”, de 1968, em que o artista reproduz, em um tecido, a foto de jornal do corpo de Alcir Figueira da Silva, que havia assaltado um banco, ao meio-dia, e, na fuga da polícia, abandonou o dinheiro e tirou a própria vida. A imagem do corpo negro no chão passou a figurar na bandeira-poema-manifesto concebida por Oiticica, que buscou, com sua arte, evidenciar aquele que deveria ser apagado, esquecido pela sociedade.

Ver o Centro de Goiânia como marginal e como herói é, de certa forma, apropriar-se das ideias de Oiticica, que ainda permanecem muito atuais para descrever os conflitos e dilemas urbanos contemporâneos, inclusive do Setor Central. A obra de Oiticica deu voz aos que deveriam ser silenciados. Os grafittis nos muros, a boemia nas ruas, a vida noturna da comunidade LGBTQIAP+, a rotina dos moradores costurando becos e vielas escancaram a arte e a vida, que querem sufocar e silenciar. O Centro marginal é o Centro subversivo, insurgente, que não sucumbe aos ditames de quem tem o poder e o quer controlar, o que faz dele, por sua vez, um Centro herói.

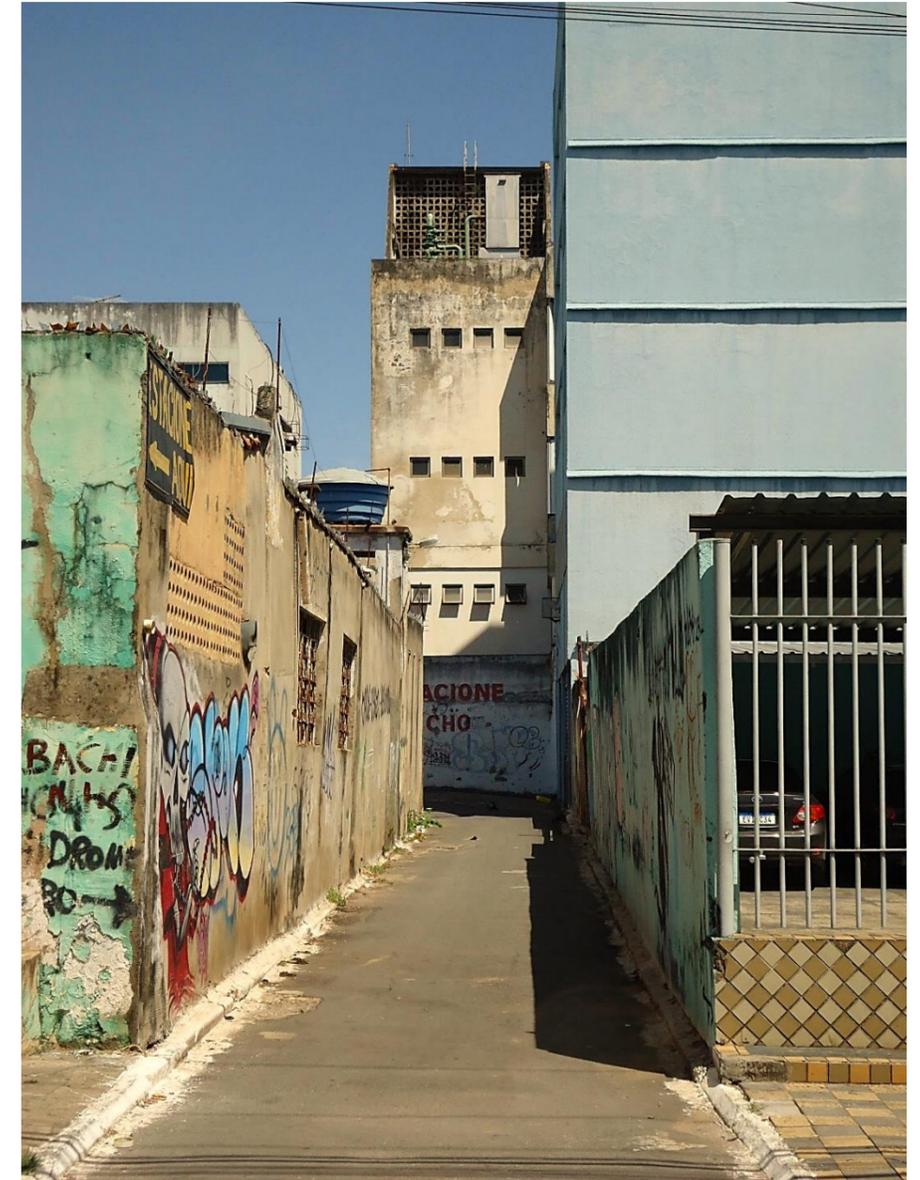


Figura 1. Vial na Rua 07 com Avenida Goiás, Goiânia.
Fotografia: Julia Cirilo, 2023.



Figura 2. Graffitis e Pichações no muro da Viela na Rua 07 com Avenida Goiás.
Fotografia: Julia Cirilo, 2023.



Figura 3. Conjunto de diferentes edificações na Viela da Rua 07 com Avenida Goiás. Em primeiro plano, uma residência e, ao fundo, o prédio do Banco do Brasil.
Fotografia: Julia Cirilo, 2023.



Figura 4. Graffitis e Pichações no muro da Viela Delfino M. Araújo.
Fotografia: Julia Cirilo, 2023.

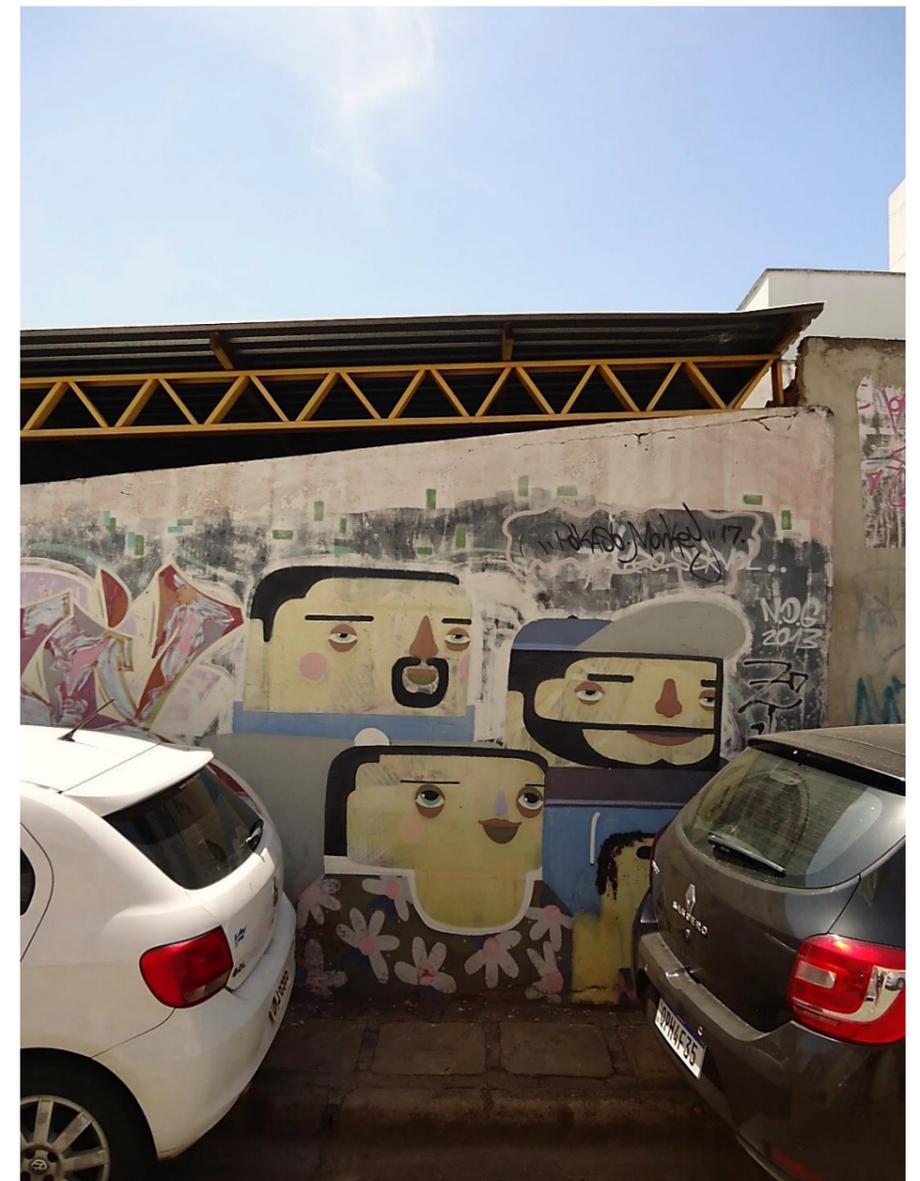


Figura 5. Graffiti no muro da Viela Delfino M. Araújo.
Fotografia: Julia Cirilo, 2023.

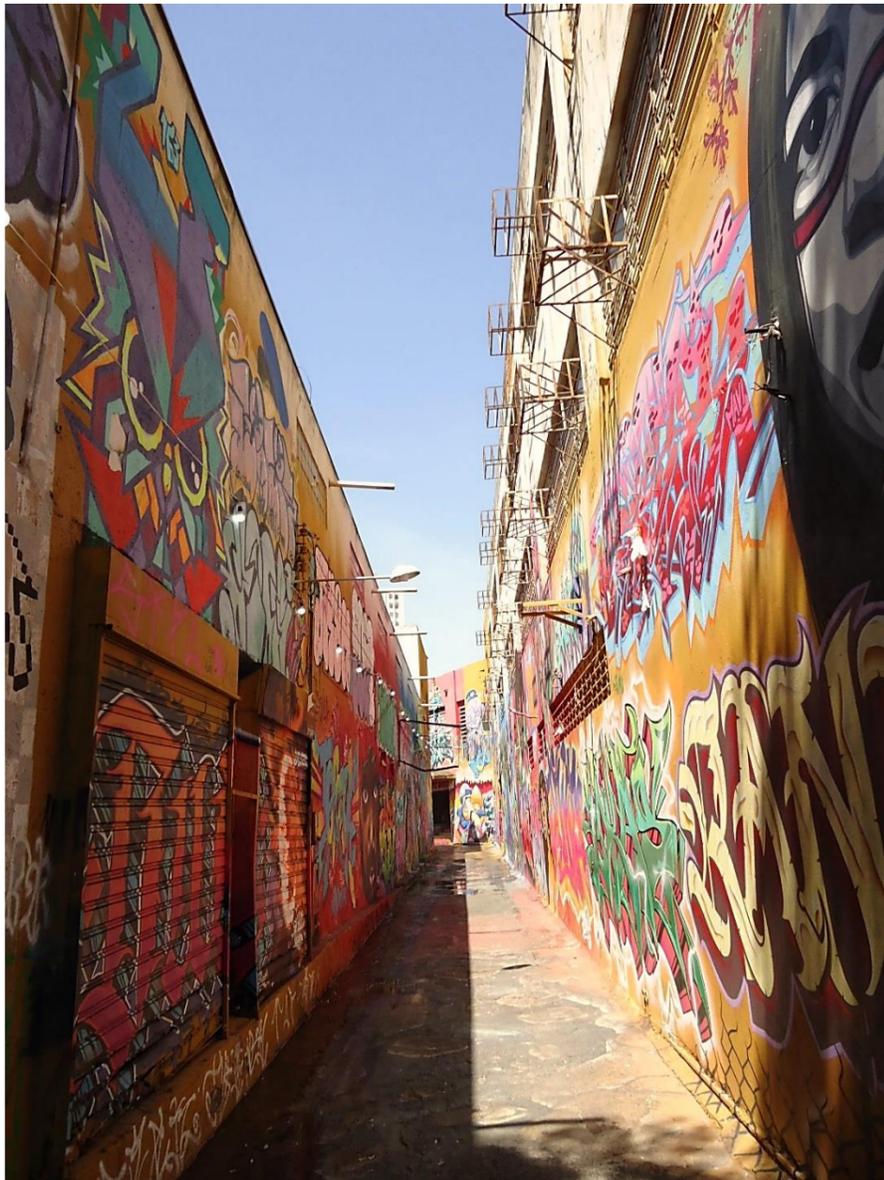


Figura 6. Entrada do Beco do Codorna, considerado um Museu aberto de Arte Urbana. Fotografia: Julia Cirilo, 2023.

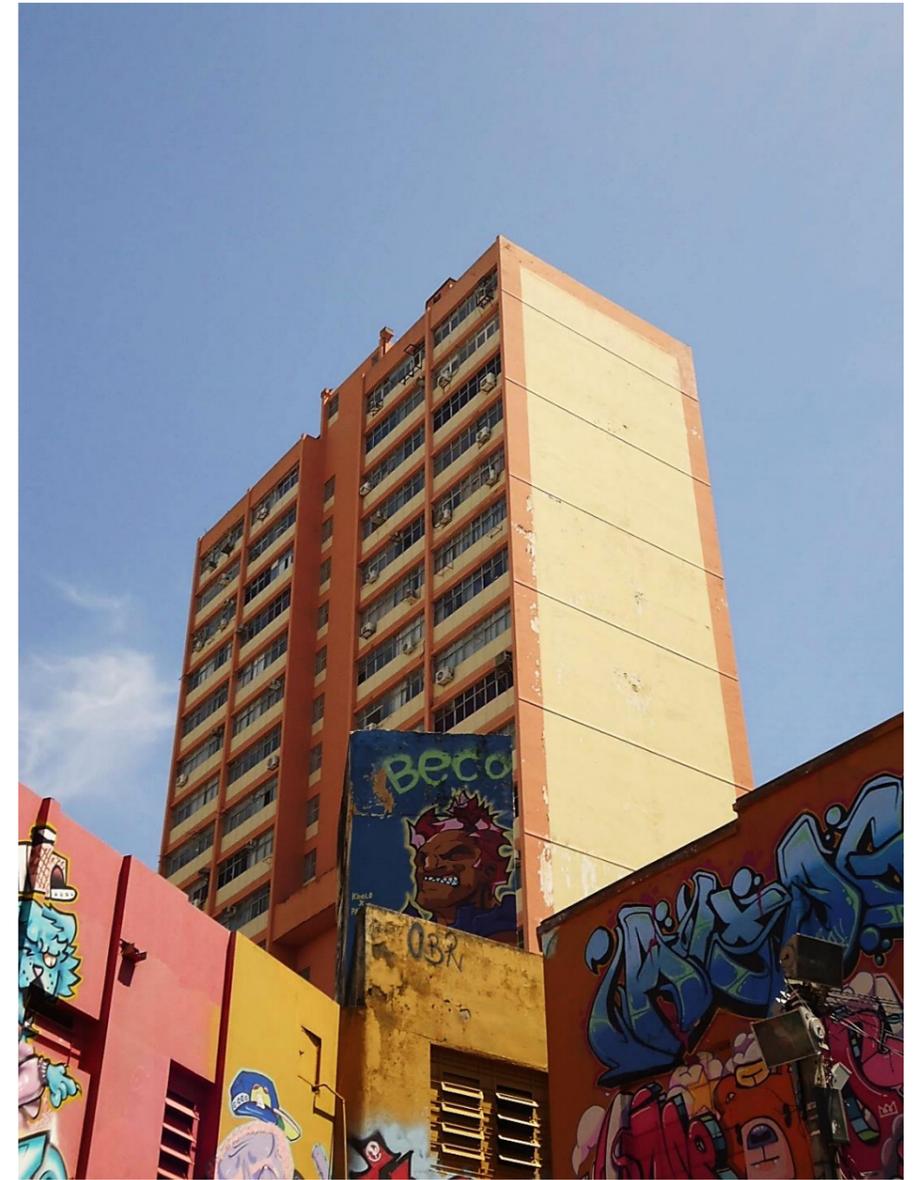


Figura 7. Vista do Beco do Codorna para prédio residencial vizinho, Goiânia. Fotografia: Julia Cirilo, 2023.



Figura 8. Quadra Poliesportiva na Rua do Lazer, Goiânia.
Fotografia: Julia Cirilo, 2023.

REFERÊNCIAS

GALEAZZI, Annelise Estrella. **Ornitorrélio Oiticinco: as inscrições de HO entre literatura e artes.** 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

HUET, Bernard et al. **Os Centros das Metrôpoles: reflexões e propostas para uma cidade democrática do século XXI.** São Paulo: Terceiro Nome, 2001. 199 p.

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. **Por que homenagear bandidos.** 2021. Disponível em: <https://mam.rio/obras-de-arte/por-que-homenagear-bandidos/>. Acesso em: 16 jan. 2024.





anos
tombamento
do acervo

DOSSIÊ
GOIÂNIA



anos
fundação
da cidade

REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS
VOL. 08, Nº 1, 1º SEMESTRE DE 2023

ISSN 2448-1793

Laila Beatriz da Rocha Loddi Título:
Título: Grande Hotel I
Técnica: Dobradura sobre fotografia
Dimensões: 45x55x5 cm
Data: 2023